

Figurações identitárias da migração alemã em *Jornada com Rupert*

Luciana Wrege Rassier¹

No mais profundo de si mesmo, um artista é sempre um aventureiro.

Thomas Mann

Título: Figurações identitárias da migração alemã em *Jornada com Rupert*

Title: Figurations of German Migration Identities in *Jornada com Rupert*

Palavras-chave: Identidades – literatura migrante – mobilidades culturais e textuais – Salim Miguel – *Jornada com Rupert*

Key-words: Identities – migrant literature – cultural and textual mobility – Salim Miguel – *Jornada com Rupert*

Narrativa migrante

Neste trabalho proponho refletir sobre *Jornada com Rupert* (2008), que aborda a estória e as relações entre os membros da família Von Hartroieg, oriunda da Alemanha, que se instala em Santa Catarina por volta de 1870. A ênfase da narrativa recai sobre a segunda e a terceira gerações, notadamente sobre os conflitos entre Rupert e seu pai, *Herr* Hans. Com a morte deste, o protagonista deixa Blumenau e a casa da família: nos dois primeiros e no último capítulo, Rupert está no trem que o leva de Blumenau a São Francisco do Sul – onde pretende embarcar rumo ao Rio de Janeiro – e relembra os fatos e episódios que ocupam os outros vinte e sete capítulos desse romance de Salim Miguel. Quais são as figurações identitárias e as dinâmicas de alteridade relativas à família Von Hartroieg? Quais são as “feridas identitárias” (MAALOUF, 1998) desses migrantes? Em que medida esse romance – escrito por um autor brasileiro oriundo da

¹ Doutora em Literatura Brasileira (UFRGS-Université de Montpellier 3, França). Professora adjunta no Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras (Francês), UFSC; E-mail: <luciana.rassier2010@gmail.com>.

migração libanesa, que passou a infância em zonas de migração alemã no interior de Santa Catarina – apresenta elementos de mobilidade intersubjetiva e intercultural que Pierre Ouellet (2005) associa a um movimento transgressivo que vai além das fronteiras da individualidade e dos laços originais e que caracteriza a “estesia migrante”?

Em *L'Esprit migrateur – essai sur le non-sens commun*, Pierre Ouellet sublinha que a noção de migrância² compreende um movimento de transgressão do Um em direção ao Outro na medida em que o Eu se emancipa de sua identidade primeira, indo além de sua individualidade e além de seu lugar de origem. Uma vez desfeito esse vínculo, surge a possibilidade de renová-lo reiteradamente, “em um *outro* destino, um outro devir que é também um devir *outro*” (OUELLET 2005: 19 – grifo no original)³. Para o teórico quebequense, essa subjetividade – a qual não se funda mais na estabilidade do eu, mas em um incessante movimento interno, em uma “migrância de si” – propicia uma “sensibilidade migratória”, ou uma “estesia migrante” relacionada à maneira de perceber não só o outro mas também a sua própria alteridade. Portanto, sendo a literatura um dos campos privilegiados da expressão dessa “estesia migrante”, dessas relações entre o Eu e o Outro (seja esse Outro externo ou interno), Ouellet enfatiza que a “literatura migrante” não se restringe a autores oriundos de outros países e que incorporam a seus discursos literários elementos de sua “cultura de origem”. Para além de critérios geopolíticos ou étnicos, o que entra em jogo é a vivência de alteridade do sujeito, que se reinventa continuamente, desconstruindo e reconstruindo sua própria experiência.

Nessa perspectiva, *Jornada com Rupert* é duplamente instigante. Por um lado, o protagonista vivencia conflitos identitários em diferentes âmbitos: aos trinta anos, se cobra por não ter coragem de tomar as rédeas de sua vida; junto à família, desempenha o papel do filho desajustado e rebelde que tem violentas altercações com o patriarca; seus amigos o questionam sobre sua dupla pertença cultural. Por outro lado, o autor do romance não é alemão, nem descendente de alemães: Salim Miguel imigrou do Líbano para o Brasil com seus pais em 1927, aos três anos de idade, tendo passado sua infância em zonas de colonização alemã no interior de Santa Catarina, dentre as quais São Pedro de Alcântara – a primeira colônia germânica de Santa Catarina – e comunidades da

² O neologismo “migrância” surgiu da relação metafórica entre o fenômeno social da migração e as experiências do sujeito contemporâneo, marcadas pelo deslocamento (GODET, 2010).

³ “[...] en un autre destin, un *autre* devenir qui est aussi un devenir *autre*”. Todas as traduções de citações em língua estrangeira são minhas.

região do Alto Biguaçu. Grande parte de suas narrativas ficcionais retratam localidades catarinenses e põem em cenas personagens cujas identidades híbridas são fortemente marcadas pela migração e pela mestiçagem.

Extremamente instigante é a maneira como o próprio autor dá voz em *Jornada com Rupert* a uma suposta crítica quanto a sua legitimidade para escrever a saga de uma família de imigrantes provenientes da Alemanha. Após o epílogo, uma “Nota final” retraça a gênese da narrativa, informando tratar-se de um projeto de juventude, iniciado no fim da década de 1940, o qual foi retomado e reformulado quase sessenta anos mais tarde, entre 2006 e 2007. Já nas primeiras linhas, o autor enfatiza a relação entre a obra e o que viveu na infância:

As primeiras anotações e pesquisas para este livro datam de 1948, quando tentei resgatar impressões e lembranças da infância, transcorrida em duas pequenas comunidades de imigração alemã (São Pedro de Alcântara e Rachadel), e do restante da infância e adolescência em Biguaçu, onde convivi com descendentes de açorianos, portugueses, italianos, negros, índios, outra vez alemães e libaneses (MIGUEL 2008: 173).

Salim Miguel explicita que não se trata de um romance histórico ao esclarecer que, para ele, “Escrever ficção é [...] recuperar fatos, retrabalhá-los, eles passam a ser e a não ser eles mesmos”. E precisa: “Eu tentei manter-me fiel ao projeto de então: reconstituir hábitos e costumes com os quais eu convivera, transplantando-os para o vale do Itajaí” (MIGUEL, 2008: 174). A seguir, o autor apaga as fronteiras entre a narrativa ficcional e o que seria um elemento paratextual, trazendo a voz do protagonista do romance para esta “Nota final”. O primeiro ponto abordado neste “diálogo”, é precisamente a relação entre fatos históricos e ficção:

Agora, ao concluir esta que espero ser a penúltima versão [do romance] deparo com **a crítica acerba do protagonista Rupert, que me questiona discordando de algumas passagens e não aceitando o fato de que estou fazendo uma ficção**, no propósito de recuperar fragmentos de um século (1850-1949) no decorrer de um único dia. (MIGUEL 2008: 174 – grifo meu)

O segundo ponto, que é um desdobramento mais sutil da articulação entre realidade e efeito de real, é o suposto questionamento da legitimidade do Autor para

narrar a saga de imigrantes germânicos: “Outra vez ele discorda reafirmando que em lugar de me preocupar com os seus, com os alemães, por que eu não me atenho ao que mais de perto me toca e me diz respeito: os ‘turcos’ e a comunidade de Biguaçu”. Questionamento o qual responde o Autor – operando um desdobramento entre o escritor Salim Miguel e o Autor/narrador: “De pouco adiantou lhe retrucar que sempre gostei de desafios e que a vida é uma sequência de desafios” (MIGUEL 2008: 174). De que instrumentos literários se mune o escritor líbano-biguaçuense ao enfrentar o desafio desse projeto literário?

Mobilidades identitárias

Como sugere o próprio título, ação de *Jornada com Rupert* concentra-se no espaço de um dia, mais especificamente no período que o protagonista leva de Blumenau a São Francisco do Sul, onde conta embarcar rumo ao Rio de Janeiro, em busca de uma nova vida. Assim, os dois primeiros capítulos colocam o leitor no trem em movimento, junto a um Rupert confuso, que dorme e acorda repetidas vezes, e que, nesse estado de semi-consciência, se perde em divagações. Sem pensar em nada claramente, confuso, alheio aos passageiros do trem e à paisagem, “fica olhando, olhando sem ver”, [e]ngolfado em seus problemas, “[...] ensimesmado, buscando se desembaraçar do passado que não quer desprender-se dele” (MIGUEL 2008: 13; 16). A narração é feita na terceira pessoa, por um narrador onisciente que destaca o estranhamento vivenciado pelo protagonista, para quem a paisagem conhecida assume um ineditismo inesperado:

[...] tudo lhe parece novo, estranho – e no entanto tão conhecido como sempre. É uma sensação nova, unida às antigas sensações. (MIGUEL 2008: 12)

“**Tudo novo, tudo novo**”, volta a murmurar ainda, agora de modo a que os vizinhos não escutem, procurando descobrir o segredo, o porquê daquela **impressão inédita em locais tão conhecidos**, por onde tantas vezes já passara, até mesmo a pé. “**Tudo novo, tudo novo...**” E o ruído do trem ajuda-o, repete com ele... É uma salmodia lenta, enervante, **sempre as mesmas palavras: “Tudo novo...”** (MIGUEL 2008: 12-13 – grifo meu)

Deste modo, o narrador sublinha a modificação do protagonista, que vê o mundo através de um outro olhar, revelador da transformação interna ocasionada pela decisão

de tomar as rédeas do próprio destino. Esse trem em movimento que leva o Rupert em direção a um futuro incerto configura-se, assim, como um não-lugar – conceito calcado por Marc Augé para designar espaços que não remetem à permanência, mas à passagem, criando uma “tensão solitária”, um isolamento que propicia que “o indivíduo se experiment[e] como espectador” (AUGÉ 2012: 87; 80).

Essa linha diegética é retomada no epílogo, no qual o narrador destaca a mobilidade identitária não a partir da paisagem, mas em um tipo de desdobramento do próprio protagonista: “O Rupert de agora, que é o mesmo e é outro, sempre se imaginou anônimo morando numa metrópole, relacionando-se com quem quisesse ou sem se relacionar” (MIGUEL 2008: 166). Perdido em devaneios, confuso entre o sono e a vigília, Rupert vivencia a partir de sua viagem em trem uma fusão com um antepassado em seu deslocamento da Alemanha para o Brasil: “A medida que o trem se aproxima de Rio do Sul, Rupert divaga, não é mais ele, nem está no trem, é o tio-avô que está num navio que joga e joga, que se aproxima do porto [...]” (MIGUEL 2008: 166).

Os capítulos três a vinte e nove correspondem portanto às lembranças que emergem, sem ordem cronológica, da vida de Rupert, sua família e seus antepassados. Seus avós e os tios-avós, que imigram da Alemanha com poucas informações sobre o Brasil, seduzidos pelas possibilidades do Novo Mundo divulgadas por Hermann Blumenau, são apresentados como colonos trabalhadores e obstinados, que, arruinados, deixaram seu país de origem para instalarem-se no interior de Santa Catarina, enfrentando a natureza inóspita e a resistência dos indígenas, a quem as terras da nova colônia foram tomadas:

A história da família de *Herr* Hans, de Johannes Friedrich Philipp von Hartroieg, pai de Rupert, era em miniatura um resumo do que ocorria com a colônia. Também haviam começado simplesmente como agricultores [depois] foram abandonando a terra e seu cultivo, para desenvolver uma grande fábrica de tecidos, que se estendia por várias quadras e empregava centenas de empregados (MIGUEL 2008: 24).

Herr Hans, nascido no Brasil, fala fluentemente o idioma dos pais e assume abertamente sua simpatia pelo líder nazista, considerando-se alemão. A ruptura entre sua geração e a dos filhos é revelada pelas reiteradas discordâncias e conflitos. A estrutura familiar é hierarquizada e rígida, cada filho desempenhando um papel específico, o que de certo modo os priva de interagir entre si. O primogênito, Fritz, submete-se ao pai, trabalhando na fábrica e tendo abandonado a mulher que amava para

aceitar um casamento arranjado com uma patrícia do agrado dos pais; Karla assume um comportamento arrojado para uma moça, mas recua em seus desentendimentos com o pai; Rupert é o único a opor-se frontalmente ao patriarca: “Desde pequeno, quase se podia dizer desde que nascera, Herr Hans e ele pareciam pertencer a mundos diversos. Isso fora se acentuando com o transcorrer dos anos” (MIGUEL 2008: 153). Apesar de se demarcar dos irmãos por suas constantes afrontas ao pai, o protagonista é retratado como alguém que também permanece estreitamente ligada à família:

Rupert tenta imaginar o que pode haver de comum entre ele e o resto da família. Mas afinal tem que confessar quem apesar de tudo, são frutos da mesma árvore. Só em aparência são diferentes, uns como os outros presos à família, à tradição, aos costumes. (MIGUEL 2008: 33) Rupert não compreende por que ainda não foi embora. O que o faz ficar ali? Não sabe o que lhe tolhe os passos e se odeia por isso. No fundo é igual aos irmãos. Talvez por isso desde pequeno sintia raiva de Fritz. É que se vê reproduzido no outro. Ele é um Fritz que tenta resistir. Eis a única diferença.” (MIGUEL 2008: 32)

Além dessa subjugação à tradição familiar e à figura paterna, Rupert e seus irmãos – já nascidos no Brasil – também compartilham as “feridas identitárias” (MAALOUF 1998) relativas ao duplo pertencimento. Nas conversas que têm com amigos, essa questão é claramente evocada, explicitando a complexidade que o sujeito enfrenta ao nessa contínua negociação e (des)/(re)construção:

Como não brigar? Era de sangue quente, nervos à flor da pele, e os outros vinham provocá-lo. Também por que o tratavam de ‘galego’? Por que galego? **Se tudo fazia para ser tão brasileiro ou mais que os outros**, pois contrariando o pai, havia ingressado, quase às escondidas, numa escola que ensinava português, enquanto os irmãos frequentavam a alemã. (MIGUEL 2008: 37-38 – grifo meu)

O que eu quis dizer é que muitos de vocês continuam se considerando ‘alemães’ até a última das últimas gerações. Se a gente diz brasileiro, **se zangam, e se dizem filhos de alemães**. Se a gente diz alemães **vocês gritam minha mãe nasceu aqui e meu pai também**. Não é preciso nascer numa país para ser filho dele.” (MIGUEL 2008: 110-111– grifo meu)

Diante do acima exposto, constata-se que Salim Miguel escolhe narrar a estória de três gerações da família de migrantes alemães sob forma de lembranças não cronológicas, que irrompem na memória do protagonista em meio a devaneios e pensamentos confusos, entre o sono e a vigília, no percurso de trem que o leva de sua

cidade natal rumo a um futuro incerto. Nesse espaço de algumas horas em que o protagonista se encontra em um não lugar, face a si próprio, são intensificadas feridas e (re)negociações identárias experienciadas por Rupert ao longo de sua vida. Além disso, o autor opera habilmente a ruptura das fronteiras entre ficção e fatos históricos, entre narrativa ficcional e paratexto, levando a voz do protagonista para a “Nota final”. Desse modo, Salim Miguel faz com que a própria forma da narrativa repercuta a migrância de si, configurando a estesia migrante (OUELLET 2005), relacionada à mobilidade intersubjetiva e intercultural em um movimento que nos leva para além das fronteiras da individualidade e dos laços originais. O autor líbano-biguaçuense atinge assim, seu propósito de “deixar um recado de sua gente e de seu tempo” (MIGUEL 2008: 174), através de uma narrativa que transcende os limites de um lugar, de uma época e de uma comunidade: sua gente somos todos nós, e seu tempo é a contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 2012.
- GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p.189-209.
- MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset, 1998.
- MIGUEL, Salim. *Jornada com Rupert*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur. Essai sur le non-sens commun*. Montreal: VLB Éditeur, 2005.